

Preços

Anno 12\$000
Semestre 8\$000

Avulso 200 Reis
Atrasado 300 Reis

AUCTORIDADE

Orgão do Centro dos Estudantes Monarchistas de S. Paulo

Redactor-Chefe: Angelo Mendes

Redactor-Secretario: Luciano Esteres Junior

REDACÇÃO

ADMINISTRAÇÃO

Rua da Quitanda N. 9

Segundo andar

Os originaes não se-
rão restituídos, ainda
que não publicados.

Já amargam a Cuja?

O jornal *Cidade do Rio* é orgão republicano, sob a direcção e redacção do cidadão historico José do Patrocínio.

Depois de soffrer a perseguição de Floriano Peixoto, o despota e sanguinario, foi esse cidadão um dos primeiros a erguer vivas ao Presidente civil, dr. Prudente de Moraes. Mas, agora, já está descrente, porque, mesmo sem estado de sitio, os jacobinos fazem o que lhes parece, sempre a bem da consolidação desta Republica, denominada burlescamente « dos Estados-Unidos do Brazil ».

Não querem comprehender que o mal é do systema institucional do governo; e não propriamente dos homens.

O regimen não pode viver sem de sangue. Por que, portanto, admirarem-se do que está a acontecer, todos os dias, na Corte e nas provincias?

Será, porém, melhor deixar que a *Cidade do Rio* exhiba ao povo esta Republica, que não podia ser de outra feição e modo de viver. A Republica é isso mesmo.

Falle a *Cidade do Rio*, ou por outra, o historico cidadão José do Patrocínio, censurando o procedimento dos *patriotas* que foram ao cemiterio de Maruhy, em Niteroy, commemorar civilmente os seus mortos, quando, de volta em uma das barcas para o Rio de Janeiro, praticaram excessos e violencias contra o mestre da barca e um honrado empregado do commercio que ali era também passageiro.

Falle esse jornal, assim insuspeito.

« E' preciso que callem as máscaras ».

« Se a Republica é uma escrava do jacobinismo, que elle pôde esbofetear, enxada, e matar na liberdade e dignidade do cidadão, digam francamente ».

« Os que como nós estão dispostos a viver republicanos e se honram com a sabedoria, contra os que, certos do poder sobre o corpo, presumem ter também o dominio sobre as almas, precisam do saber si o Brazil é uma senzala à disposição do vergalho de um senhor, ou si é uma patria de homens livres, garantidos por uma Constituição, que estatua a segurança dos individuos, a livre



S. A. o Principe D. Pedro Augusto

O Principe D. Pedro Augusto-Luiz-Maria-Miguel-Gabriel-Raphael-Gonzaga-Bragança-Saxe-Coburgo e Gotha nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 19 de Março de 1866.

Filho da Princeza D. Leopoldina-Therese-Francisca-Carolina-Michaella-Gabriella-Raphaella-Gonzaga, fallecida aos 7 de Fevereiro de 1871, e casada com o Principe Luiz-Augusto-Maria-Eudes, duque de Saxe, é neto do grande Imperador do Brazil D. Pedro II.

Seu avô esforçara-se muito por sua educação; mesmo porque até 15 de Outubro de 1875 teria de ser o successor do throno do Brazil, por fallecimento de sua tia D. Isabel, actual Imperatriz, se n'aquelle dia não nascera S. A. Imperial o Senhor D. Pedro de Alcantara, ora herdeiro presumptivo.

Concluindo seus estudos na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, recebeu o grau em engenharia civil.

Tendo ido à Europa, teve occasião de augmentar os seus conhecimentos scientificos.

De volta ao Brazil, teve a desgraça de ser rodeado de uma caterva de bajuladores, que, dizendo-se litteratos, aproveitaram a oportunidade para excitarem n'elle pretensões à Coroa.

Dado o levante militar em 15 de Novembro de 1889, embarcou para a Europa com seus avós e mais pessoas da Familia Imperial, e foi então que a semente lançada em seu espirito por aquelles bajuladores começou a manifestar-se n'elle, em estado de loucura.

Infeliz moço! E' mais uma victima dos revolucionarios do Brazil.

Vive hoje na Austria, em um hospicio de alienados.

manifestação de opiniões, e o direito de exercer a sua profissão e a de cumprir as ordens e os estatutos de companhias que legalmente funcionam.

« Cartas na mesa e jogo franco, porque só os miseraveis têm a vida para negocio ».

« A morte não é um captivo, mas um resgate. Quem cumpre o seu dever, não teme os que abusam da missão que lhes foi confiada e que a nação retribue com honras e dinheiro ».

Mais manifesta prova de que nada ainda ha a esperar desta Republica — é impossivel.

Se não for restaurada a Monarchia, a anarchia conflagrará o Brazil.

A. MENDES

A Republica

—0—

Cobriu de gloria ao pavilhão brasileiro a guerra do Paraguay. Riachuelo, Humaytá, são nomes escriptos com letras de ouro na historia do Brazil; nomes que por si só impõem respeito às outras nações. Durante a Monarchia, era pois o Brazil respeitado por todos os povos. Sem ter nunca soffrido affronta, fluctuava soberbo e altivo o pendão brasileiro.

Veiu a Republica! Tudo mudou.

O Brazil attonito vê-se de dia em dia insultado.

Amapá e Trindade cobrem-n'o de vergonha.

O Inglez ousado arranca-lhe uma parte de seu territorio.

O Brazil em vão estremece de colera, não existe mais a gloriosa Monarchia, da guerra do Paraguay.

Brazileiros são assassinados pelo Francez, cruel no Amapá.

Geme dolorosa a patria, e não encontra consolo, porque não vela mais sobre ella a magestosa figura de D. Pedro.

Isto que é a Republica. Insulto sobre insulto, vexames sobre vexames, em lugar da gloria e do respeito de que gozavamos!

O Brazil durante a Monarchia avançava prodigiosamente, crescia a producção, o cambio, thermometer da prosperidade do um país, attingia a maxima altura.

Ainda tinhamos o progresso com a realiação da justiça, com as grandes reformas administrati-

vas. O Brazil, em sua carreira orgulhosa passava por todas as republicas da America e alcançava os paizes mais adeantados da Europa!

Veiu a Republica. Tudo mudou.

Como uma immensa barreira deteve ella o Brazil em sua marcha e o fez recuar.

Desceu o cambio de tal modo, que nos ameaça constantemente a bancarrota.

A guerra civil começou a desolar o Brazil, brasileiros se levantaram contra brasileiros e praticaram-se as maiores crueldades.

A marinha desorganizou-se, os impostos augmentaram, trazendo em seu cargo a miseria e a desolação.

Isto que é a Republica. Em lugar do progresso e da civilização, o regresso e a barbaria!

A liberdade, a liberdade querida, este direito sagrado do homem era garantido solemnemente pela Constituição do Imperio, e mais livre do mundo.

Era completa a liberdade de imprensa. Como não acharam argumentos contra a Monarchia, os republicanos dirigiam-lhe insultos e não eram inquietados por isso.

Veiu a Republica! Tudo mudou.

Prisões arbitrarías se dão dia a dia, empastellamentos de jornaes ordenados pelo governo repetem-se frequentemente.

Isto que é a Republica. Em lugar da ampla liberdade que gozavamos, peza sobre nós atroz despotismo.

Brazileiros, comparae a Republica de agôra com a Monarchia de então. Comparae, e vereis que a vossa dignidade, que a vossa honra, vos mandam repudiar esta republica que nos avilta a face do mundo inteiro!

Alvaro Queiroz

O Bronze de Corinto

—(—)

O defensor perpetuo dos Generaes paulistas, o «Diario» do quartel general campineiro, estampou em um dos seus numeros de Janeiro passado uma ordem ao dia, com o titulo que tambem nos serve de epigraphe.

Começa a ordem do dia com os seguintes dizeres: — «Si sois monarchistas, tende a coragem das vossas convicções!»

Os homens de bem não vivem nas trevas.

Realmente, é de admirar que o órgão republicano nos apresente esse dilemma!

Acaso constituem coragem de convicção os assassinatos frios e perfidamente realizados no Paraná, em Santa Catharina e em outros lugares, sem que até agora fosse provado ao mundo civilizado que os homens mortos n'essas paraças o tinham sido em combate real?

E' esse o viver ás claras, da Republica?

Explicações são todos os dias pedidas aos poderes competentes da Republica, por alguns portadores de diplomas no Senado e Camara, sobre o desaparecimento de milhares de brasileiros; e o governo da ordem e progresso, até hoje, tem-se conservado mudo, e a nação na eterna expectativa da palavra auctorizada dos representantes d'esse mesmo governo, que lhes venha provar de modo cabal, que esses brasileiros não foram barbara e traiçoeiramente assassinados nas fortalezas, nas praias, nos kilometros das estradas de ferro, por toda a parte emfim onde havia um representante da legalidade!

E' esse o viver ás claras, da Republica?

Explicações são ainda pedidas aos poderes competentes da Republica, sobre sommas fabulosas gastas nababescamente, a titulo de pagamento de armamentos e vasos de guerra, adquiridos no estrangeiro para o massacre com o qual a Republica procura consolidar-se: e esse mesmo governo conserva-se silencioso deante d'esses pedidos, e a nação, por sua vez, na eterna expectativa da resposta dos que lhes presidem os destinos, continua a ignorar onde, como e porque foram gastas as suas rendas, que representam o producto dos pesadissimos impostos, successivamente augmentados, para sustentar mais d'uma vez a desorientação e a corrupção do sr. General Glycerio?

E' esse o viver ás claras, da Republica?

Será ainda viver ás claras, o acto do Presidente de Minas Geraes, profligando em termos violentos, a ausencia de grande parte do funcionalismo Ouro-pretano á tal manifestação de desgosto á patriotica moção da Camara Municipal de Ouro-Preto, que, n'um brilhantissimo assomo de patriotismo, adheriu ao manifesto assignado pelos Ex.^{mos} Srs. Visconde de Ouro Preto, Cons.^o João Alfredo, Carlos Alfonso, Andrade Figueira e outros?

Calai-vos, nada podeis dizer, nem uma palavra podeis articular: o povo já vos conhece a fundo, foi-se o tempo das illusões.

Estaes plenamente convictos de que nunca vivemos nas trevas, e se ainda não temos apparecido propriamente em campo, é devido ao regimen do terror e das traições, que se implantou em nós, desgracado paiz desde o fatidico 15 de Novembro de 89, que, ao envez de nascer por entre as festividades d'uma aurora irradiante, veio justamente das trevas profundas de uma noite tempestuosa que se desencadeou por toda a extensão territorial

do Brazil; e o paiz ainda sente as consequências funestissimas d'esse cyclone politico-social, que veio amontoar de impedimentos de toda a sorte as vias de progresso, paz e civilização por onde elle caminhava impavido e feliz, e entrar por essa viella de corrupçãoes sem limites, que falo andar de tropeção em tropeção, esvaindo-se por completo as forças.

Até hoje, não nos tendes correspondido com a lealdade de verdadeiros inimigos, mas unica e exclusivamente com a traição, que tem sido o apanagio de vossas crenças.

Mas ficae certos de que, se vos apresentardes frente á frente, empunhando o labaro leal das convicções sinceras, haveis de encontrar do nosso lado a mais santa, a mais pura das convicções em prol do nosso paiz politico.

Nada do loppo, nem sabéis que somos sinceros e vivemos ás claras; vos outros, que vos assemeelhaes aos morcegos, nasceis nas trevas, e n'ellas haveis de morrer: a luz da verdade confunde-vos; contra factos não ha argumentos.

Calai-vos!

Luciano Esteres J.^o

Comezaina

—(—)

Nem sempre é bom deixarmos escapar as façanhas desta instituição de bonet phrygio, maxime quando se trata de admirar os seus grandes feitos de progresso e economia.

Hoje que a onda revolucionaria estraga, arruina e desacredita o paiz, apresentando-nos a bancarrota, a miseria e o lucto, e ameaçando-nos com peiores dias, o governo republicano pelas columnas dos seus organos chama com ardor á construção do estatuto.

Ha bem pouco tempo, o sr. Moraes Barros, senador federal, prevendo a nossa ruina financeira, apresentou no senado o seu voto contrario ás concessões de pensão, e chamou a attenção da imprensa fluminense para a divida nacional republicana, que era de um milhão e oitocentos e noventa mil contos (!)

O que fez a Republica dos recursos que nos legou a Monarchia, ninguém sabe. Só é notorio que a Republica em seis annos de governo, e depois de constantes empréstimos internos e externos, e de excessivo augmento de impostos, e criação de novos, nos apresenta a pobreza e o crack geral.

E' neste estado de prosperidade financeira que o sr. Bernardino de Campos abre concurso para o levantamento de estatuas ao General Carneiro, sob o titulo de gratidão popular.

Abrindo-se os cofres publicos, raspando-se os cantos do thesouro, va-se esbanjando dinheiro sob a responsabilidade do povo, que sente o peso dos impostos cahir sobre os seus hombros.

E' digno de lastima este povo,

que, alem de ver perdidas as suas liberdades, paga impostos exagerados, e o governo desta Republica de comédias como o dinheiro do seu suor, ergue nas praças publicas estatuas a Floriano Peixoto, General Carneiro, sob a responsabilidade do seu nome.

Felizmente as estatuas na Republica não significam cousa alguma. Não representam uma glorificação nacional, são apenas feites de praça, levando no frontespicio o titulo de gratidão popular, sem que o povo para isso concorra.

Deste modo veremos que amanhã o governo republicano augmentará mais impostos e erguerá na Varzea do Carmo uma estatua a Domingos Leopoldino, e outros empestros.

O primeiro já é para o paiz com a sua habitual e habitual para bajular o governo, e o curso a que submettem-se ultimamente no Gymnasio Nacional, desfolhou o seu dictionario pornographico contra a Familia Imperial.

Gratidão popular! Como si o povo não votasse odio profundo a esses monstros sanguinarios, aos delapidadores da fortuna publica, e aos estadistas sandeus e deshonestos que o fazem soffrer a fome, a miseria e todas as dores moraes de que uma nação pode ser victima!

Como se todo o mundo não saiba que nesta Republica inventam-se obras para dar lugar á comezaina...

Agenor de Loureiro

Patriotismo republicano

Ha dias, o emérito brasileiro Visconde de Taunay referiu publicamente a Commissão de São Paulo o desgano em que estava desta republica o sr. Benjamin Constant.

Esse homem, que aproveitou-se da protecção de D. Pedro II. o Grande, para melhor trahilo, revelou-se na conversação que teve com o Visconde de Taunay um republicano ás deveras.

Nada importa que elle se houvesse declarado desiludido. Nada importa que, mostrando commoção, tivesse affirmado que nos republicanos achou patriotismo em vez de patriotismo.

O sr. Benjamin Constant já não fazia parte do Governo, quando assim se exprimia; e, por isso, como republicano, não podia ter outra linguagem, nem outro sentimento.

O republicano é isso: si está no Governo ou delle aproveita, vai tudo muito bem, ainda que o povo soffra miseria, fome, oppressão, tyrannia, assassinatos e dores: si não está no Governo ou delle não aproveita, vai tudo muito mal, agrava os menores erros, preza a revolta, a desobediencia á lei, á auctoridade, incita até á anarchia com todo o seu cortejo de infames crimes.

Os ministros do primeiro governo provisório foram publicamente enxotados pelo marechal Deodoro, mediante uma carta memoravel em que eram apontados á Nação patibulosos e prevaricadores e desse ministerio fazia parte o sr. Benjamin Constant. Fora do governo e assim at-

rado á execução nacional pelo marechal Deodoro, chefe do governo provisório, não podia o sr. Benjamin Constant dominar as más paixões, que delle haviam feito um republicano: e, então, era clamar contra os que governavam e achar tudo muito ruim e antipatriotico. Indole republicana...

Como si o ministerio de que elle fez parte tivesse prestado para alguma cousa!

Como si nesse ministerio houvesse outra cousa senão pratriotismo, a começar por elle, Benjamin Constant, que não se conformou com o ordenado que tinham os ministros do Imperador! E mais ainda: que em vez de pagar do seu bolso o seu carro de ministro, como faziam os ministros do Imperador, fazia com que o pagasse o Thesouro! E mais ainda: que recebia ordenados de um punhado de empregos e que se fez o primeiro ministro contra a lei em nome de terceiros!

Tudo isso, e mais cousas mais, foi amplamente denunciado pela «Tribuna Liberal».

Ora o patriotismo do sr. Benjamin Constant!

Era um pratriota como os outros de que fallava...

A commoção era saudosa do poder. Era, talvez, ainda a fome, como faz etér a lembrança do prato...

Luiz G. Mendes de Almeida

Attentado contra a imprensa

—(—)

Dos nossos collegas d'O Brazil recebemos o seguinte telegramma:

Rio — 14

«A imprensa é victima da arbitrariedade policial.

«O sr. Cavalcanti Mello, redactor do Rio de Janeiro, foi preso. Ante tal violencia os seus collegas, solidarios, acompanharam-no á policia. A prisão não foi mantida. A victima e a imprensa foram muito acclamadas, e o exercito victoriado. O segundo delegado quiz fazer evacuar á força o salão da policia. Muitas acclamações e cumprimentos. A opinião publica está indignada; e a imprensa, firme, defende os seus direitos violados pela exorbitancia da auctoridade.»

Agora, algumas observações.

Segundo telegramma recebido pelo Estado de São Paulo, a policia mandara intimar o dr. Cavalcanti Mello, redactor do jornal Rio de Janeiro, a fim de dar explicações sobre o Club da Morte, para assassinar monarchistas e outros que não cheiram á santidade neste regimen de sangue e de roubos. O illustre jornalista recusou-se com dignidade a essa arbitrariedade intimação, feita só a pedido do notorio senador do Ceará (recordando o enriquecimento pela fome e pela secca, por fornecimentos que nunca realmente foram feitos) João Cordeiro! Dahi a prisão...

Este Cordeiro parece ser o presidente do Club da Morte; é homem de sangue, muito respeitado por isso pelo governo do dr. Prudente de Moraes. Deveria ser antes João Onça.

O illustre jornalista, acompanhado de José do Patrocínio e de

muitos cidadãos indignados, lá foi a secretaria de policia; tornou-se então essa repartição um ponto obrigado de meeting contra a propria policia, orando das janellas da policia Cavalcanti Mello, José do Patrocínio e outros. Foram muitos os esforços para que a sala da policia fosse evacuada.

O illustre jornalista declarou que mantinha o que escrevera; que era verdadeira a existencia desse *Club da Morte*, dirigido pelo senador das suppostas farinha e carne secca para os famintos do Ceará.

Honra a esse energico jornalista! Gloria aos populares que o acompanharam a policia!

A policia não podia, sob o pretexto de explicação, recusar-se pelo tal *Cordeiro*, violentar a presença do dr. Cavalcanti Mello. Não comparecendo, esse illustre jornalista sujeitava-se somente ás consequências de suas revelia e contumacia; isto é, affirmava o que escrevera.

Querem ter clubs para votarem a morte dos alversarios; e, depois, querem occultar sua responsabilidade, por meio da policia, que de certo é cúmplice desses projectos!

O povo já conhece os sanguinarios...

A. MENDES.

Nil inultum

—(o)—

Desgraçada forma de governo, desgraçado regimen aquelle, que nasceu na tração e na mentira, e na tração e na mentira tem vivido, e ha de se arrastar até o momento em que, qual Isaac, ribões do Cenaculo, encontre o enfesado sabugueiro em que se pendura a estorirar pelo chão.

Mente destruidamente a folha jacobina que disse:

« Nasco acto de ladroes, covardes, assassinos do poder (assalto de 15 de Novembro) comborou um principe da Egreja — um dos mais notaveis Prelados do mundo catholico — aquella esplendorosa lampada do santuario brasileiro, o santo, heroico e sabio Pastor de almas que se chamou entre os vivos Antonio de Macedo Costa. »

Capaz de todas as coragens, aquelles que a tiveram bastante para classificar de *idade de ouro* a peste do estado de sitio, e de restaurador do caracter nacional aquelle, cujo nome effectivamente nunca sera esquecido pelos herdeiros e patriotas das victimas das hecatombes de 93 e 94, por que não ha de tel-a para aturar ao criterio da nação esse attentado contra a verdade, que se ataba de ver?

Quem ignora que toda a gente do *O Paiz*, ou está persuadida que a nação inteira não desmoriada com as virtudes porque tem passado durante estes mal ditos sete annos de vacas magras para o povo brasileiro, e gorda para incontavelmente ladroes, assassinos e covardes assaltados, res do poder, ou se tornou servil e triste escrava da jacobinada? — D. Antonio de Macedo Costa, effectivamente esplendorosa lampada do santuario brasileiro, collabora para a instituição do municipal e municipal cabal de Con-

to e Clothilde como religião do Estado no Brasil!

D. Antonio de Macedo collabora para a condemnada separação da Egreja e do Estado, para o estabelecimento do concubinato legalizado por uma Constituição politica; e finalmente para isto que aqui corre com o nome de Constituição politica, na qual, unica naquello genero, nem uma só vez está scripto o nome de Deus, ao contrario é ella de ponta a ponta a consagração e a garantia do atheismo!

Mas *O Paiz* deixaria de ser o que é, se pensasse em pregar a verdade e a honestidade em suas empedadas columnas.

Que as luzes de D. Antonio de Macedo Costa foram postas em contribuição para guiar os côgos de 15 de Novembro; que o sr. Ruy Barbosa, que, com a capacidade e instrução de que dispõe, muito poderia ter feito em bem da patria, teve mais de uma conferencia com o illustre Arcebispo, talvez *O Paiz* mesmo tenha alguma vez mais desejos e interesse de contestal-o e escutecel-o, do que nós.

Mas o que foi que resultou de taes conferencias?

Mais uma tração das muitas de que nasceu e até hoje tem vivido este regimen de ladroes, assassinos e salteadores, cujas rapinas, assassinatos e assaltos são factos de que tem sido victimas toda a geração presente, e que é preciso ter a frente d'*O Paiz* para se mostrar injuriado com esses qualificativos que de pleno direito á sua gente pertencem.

Está, pois, na memoria de todos nós, sem precisarmos dos auxilios da folha jacobina, nem nos rendermos á sua autoridade, que D. Antonio nas poucas conferencias que com elle teve o sr. Ruy Barbosa, o que fez foi tentar agitar o monstro á fôrma mais humana que fosse possivel; mas, quando elle pensou que suas opiniões, seus conselhos, e até seus rogos fossem attendidos, amargurado teve de reconhecer que foi trahido; e o que cabio, e que hoje o *veracissimo O Paiz* quer apadrinhar com seu respeitavel e immorredouro nome, é que tem sido até hoje a vargonha e o flagello da nação: a bandeira do rotulo e a egrejinha de Clothilde, com todo seu apparato de asneiras e impiedades.

Mas, enfim, basta lembrar ao corajoso *Paiz* que, se *verba volant*, ali está para refutal-o heroicamente o terrivel *scripta manent* da Pastoral collectiva.

Tome *O Paiz* o nosso conselho: já comeram a carne, roam agora o osso, mas não nos provoquem.

(D'O Apostolo.)

Francisco de P. Maciel

Victima da terrivel febre amarilla, falleceu no dia 11 do corrente, no Rio de Janeiro, o talentoso academico de Direito, o distincto rio-grandense Francisco de Paula Antunes Maciel, filho do Ex.^o Barão de S. Luiz.

« Nêê Maciel », como era conhecido e estimado pelos seus amigos e por todos os que tinham a felicidade de o conhecer.

Enorme commoção recebeu ao ler o telegramma dando nos esta triste noticia.

Maciel era um d'estes rapazes que, pela sua distincção, amabilidade, franqueza e correccção, fazia se captivar a amizade de todos. Tão cheio de vida, na flor da idade, pois, contava apenas 26 annos, Maciel, depois de concluir seus exames preparatorios

matriculou-se na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, eis, quando é fortemente atacado da horrivel enfermidade que roubou a familia a vida preciosa de um filho tão estimado, o ao Brazil um futuro servidor que pelo seu talento certamente lhe havia de prestar bons serviços.

E morreu, longe da sua terra natal, aquem elle tanto queria e tanto orgulho sentia em tela por berço, e da familia que tanto o idolatrava.

Maciel achava-se em Pelotas, onde residia, quando rebentou a revolução libertadora do Rio Grande; como seu illustre Pae fosse um dos chefes politicos do partido revolucionario, elle foi obrigado a emigrar para a Republica Oriental, em sua fazenda de S. Luiz onde passou alguns mezes, seguindo logo a acompanhar o saudoso Gumerindo Saraiva, o bravo, no posto de seu secretario privado; porém, como este tivesse ordem para seguir até o Paraná e devido á instancias e pedidos da familia que temia esta travessia perigosa, Maciel abandonou compezar o seu estimado chefe, recolhendo-se á Montevideó para companhia de sua extrenosa Mãe e compartilhar junto aos seus da sorte de exilados em paiz estrangeiro.

Mezes depois de sua estada na bella capital Uruguaya, foi convidado, o que immediatamente accitou, pelo seu tio Conselheiro Maciel, ser seu secretario em S. Catharina, onde o mesmo ia tomar conta do Governo provisorio na qualidade de chefe. Como não chegassem a um accordo possivel com os qñe lá estavam, voltaram todos á Montevideó. Ah, tive o prazer de conhecer o « Nêê Maciel » mais de perto, renovando assim a antiga amizade. Eramos como dois irmãos que muito se estimam; juntos todo o dia, a toda a hora, sempre na mais cordial e pura intimidade. Que bom coração possuia!...

Lembro-me ainda de que por esta epocha, em 1895, muito nos distrahimos em Montevideó nos folguedos do Carnaval. Não pensavamos que fosse tão prematuramente roubado á vida quem ha pouco achava-se tão vigoroso.

Venho para S. Paulo, e dias depois fui sorprendido agradavelmente com a noticia de sua chegada ao Rio e da proxima partida para cá, affirm de continuarmos a mesma verdadeira amizade e juntos estudarmos.

Os horizontes estavam tão claros, tão bellos, que pareciam indicar que tudo far-se-hia aos nossos desejos, que tudo correria bem como se estivéssemos em pleno gozo de esperanças realizadas.

Que fatalidade! parece que a morte o chamava; Maciel passara connosco n'esta santa Pauliceia alguns mezes sem nunca ter-se dado a menor inciente que o molestasse, porém, sempre fallando do Rio, no Rio, e ansioso para lá voltar...

Que sublime inspiração de Verdi quando escreveu a sua opera — *La forza del destino*? realmente é assim! Por mais que eu o quizesse dissipar d'esse firme proposito, meus esforços foram infelizmente balbidos a morte o chamava, em o seu destino.

Maciel, quem te falla é o teu amigo, é o teu companheiro de infancia e de juventude, o teu inseparavel a quem fazias te confidante em todos os momentos de tua vida, — recede d'elle uma

saudosa despedida; d'elle que hoje pranteia, soluça por jamais poder vê-lo e recordar os dias que passaram.

Descansa em paz meu querido amigo dos bons e maos tempos.

E sempre o malito destino.

Carlos

S. Paulo, Fevereiro 13 de 1896.

A forma republicana

—o—

E' velho costume das partidarios do actual regimen abandonar as lições dos publicistas e os principios da sciencia do Direito Constitucional. Para os nossos apaixonados adversarios, de nada valem as doutrinas; para elles, o furor da affirmação, garantido pela certeza do apoio do exercito, supprime a necessidade de raciocinios.

Entretanto, os estudantes de Direito não podem licitamente aproveitar-se desse mau costume; é bom, portanto, que leiam e meditem sobre as seguintes paginas de *Prerost Paradol*, na *France Nouvelle*:

« A forma republicana tem contra si duas importantes objecções: a *objecção philosophica* e a *objecção pratica*.

« A *objecção philosophica* e geral consiste no seguinte ponto: — a rivalidade dos ambiciosos e as perturbações que d'ahi decorrem, vão mais longe sob a republica do que sob a monarchia constitucional e conduzem ordinariamente os homens a extremidades mais violentas. Ha partidos, e é necessario que os haja tanto na monarchia constitucional como na republica; mas, pelo que está á vista de todos, estes partidos e estes chefes detestam-se mais, combatem-se com maior animosidade e são mais tentados a aniquilarem-se em vez de se conterem uns aos outros, quando a forma do governo é republicana. Será porque o premio da luta é maior e porque aquelle que o consegue, em uma republica, nada vê acima de si? Será porque é mais difficil, em uma republica, reconquistar a opinião e retomar regularmente o poder após uma derrota? Será, enfim, por causa da desconfiança e do ciúme particular aos costumes republicanos? Seria difficil indicar com certeza os motivos desta disposição dos espiritos; mas, não é duvidoso que os odios dos partidos são mais violentos, suas resoluções mais desesperadas e sua victoria mais abusiva, quando a arena politica é toda abandonada aos partidos e quando o poder, ao mesmo tempo moderador e insuspeito, da realza não está superior a elles.

« A *objecção pratica* contra a republica consiste primeiramente na difficuldade de definir nitidamente e de limitar expressamente a responsabilidade de Presidente, afim de impedir que este magistrado queira exagerar a sua responsabilidade para ao mesmo tempo exagerar o seu poder. Em segundo lugar, ha a questão de saber si, em uma republica, é possivel dispensar o uso salutar e opportuno do *direito de disculpa* e se sobre este ponto mais tarde nos estenderemos. Em terceiro lugar, sendo o Presidente ordinariamente, knão sempre, eleito pelo seu partido, não será jamais um juiz insuspeito ou uma autoridade para garantir a nação inteira; será, ao contrario, o apaixonado defensor dos interesses daquelles que o elegeram e que o conservam; a nação ver-se-ha sempre dividida entre oppressores

e opprimidos, porque o seu chefe não representa todo o povo, mas apenas o partido que o elevou ao governo ».

Lenço estas paginas, lembramos logo da intimação feita ao sr. Prudente pelo sr. Glicerio:

— « O sr. Prudente foi eleito pelo partido republicano federal; ha de governar, *quer queira quer não*, de accordo com os interesses desse partido! »

Silva Ferraz

Doutrina de Monróe

—o—

O « *Jornal do Commercio* de » dia 12 de corrente mez insere o seguinte telegramma, que vem demonstrar o pouco ou nenhum caso que desta pihérica doutrina fazem os *yanckres*, que, para engasopar os outros paizes da America, fingem-se acerrimos propugnadores da sua realisação pratica.

LONDRES

11 de Fevereiro

« O Governo dos Estados Unidos insiste fortemente com o de Venezuela para que aceite as condições impostas pelo ultimatum do Governo inglez em relação ao incidente de Uruan.

Os Estados-Unidos declaram que nenhum motivo têm para intervir nessa questão.

O general Crespo, Presidente de Venezuela, receiando que os seus adversarios politicos aproveitem-se desse acto para depol-o, hesita em aceitar o ultimatum inglez. »

E gritem os jacobinos hurrahs a Cleveland!

Urge levantar-se uma estatua a Monroe!

Se se tratasse de uma questão com Portugal, o caso seria outro; mas o negocio é com a Inglaterra, Cleveland lava as mãos!

Essa intervenção de Cleveland na questão anglo-venezuela só serviu para patentear que os Estados Unidos da America é, como todas as republicas, um paiz sem prestigio real e sem valor proprio.

Mal foi conhecida a mensagem de Cleveland, logo surgiram os desastres financeiros e as quebras commerciaes em muitas das principais cidades dos Estados Unidos! So um telegramma annunciava em Nova York e mais duas ou trez cidades noventa fallencias!

Não ha duvida que os Estados Unidos do Norte é um paiz de grandes elementos commerciaes...

Os bancos, as principaes casas commerciaes e as emprezas reuniram-se para protestar contra a mensagem presidencial, que foi repellido em *meetings* de indignação como um desastre nacional, por implicar quebra de relações com a Inglaterra e em consequencia grandes prejuizos financeiros e commerciaes.

E ainda os jornaes republicanos quereão atroar os ares com as grandezas e riquezas dos Estados Unidos!

Ha cerca de dois annos, os Estados Unidos do Norte curvaram-se humilhanamente á Italia a pelo seu partido, não será jamais um juiz insuspeito ou uma autoridade para garantir a nação inteira; será, ao contrario, o apaixonado defensor dos interesses daquelles que o elegeram e que o conservam; a nação ver-se-ha sempre dividida entre oppressores

Agora, nesta questão anglo-venezuela, o grande *paiz* fez o papel do leão que avança e já vai-se esgueirando de orelhas marchas e cabo cahido...

E ainda os nossos republicanos

feitos.

— Ontro tanto não podemos dizer de escolha que fez — dos —

« Dragões del Rey » para seu benefício, o actor Alfredo de Carvalho.

O Snr. Alfredo de Carvalho,
nunca se deveria ter incumbido
do papel de D. Nicomedes.

Cantaram melodiosamente, sublinhando Palmyra d'uma graça ravessa o seu grácioso papel de duende.

Erros

Typ: Schettini, Rua da Gloria 107

O primeiro que tivera o título
conde de Brighton, fôra aquel-
generoso e poetico trovador
hur Blondel de Nesles.

Inv. já, acaso, e snr. Dr.
libas e d'ce viver daquellas pa-
tas e, adhesivas creaturas do
nhor e como ellas, publicando

О сь р і а о

— Em nome da rainha in-
comível. Segunda sentença, que
a rainha, foi proferida contra mim.
E não estamos na livre Inglaterra.
Arrastados para a lei do *habeas*
corpus?

O «Diário de Campinas», no
andando afan de defender os inte-
resses dos Generaes, não perde
a, e a proposito dos taes ar-
ranhos, vem elle com uns con-
tos, que de ha muito traz de

tom resolute de Ricardo de
o chefe dos invasores, que
embainhou a espada e foi im-
pelos seus homens.

... enquanto que o conde des-
cendia por sua vez a espa-
lhar-se empurrava a meza insti-
l a janella e apagava a luz, — fazer
Apagao tambem a vossa glori-
a, — bradou, — e seguiu-me mo-
nos ajudos, — e seguiu-me mo-
zendo a trancar a porta, — um d-

— 0 —

*O primeiro e o ultimo
dos condes de Brighton* -

tante que os boleguins da Respe
 perseguem os dois fugiti- seus
 através do deddo tão aque- tava
 do de casinholas e terrenos flanga
 os que faziam n'outrora de de
 ker's Country, principalmente de
 noite, o bairro mais maldado de
 seraver de Londres, permit poler
 e o leitor que o detinha um encon
 ante atraz, para o melhor the cathol
 conhecer o conde de Bri uma
 a, heroe d'esta narrativa, co sham,
 à todos puderam advinhar, e digno
 os mais nobres caracteres porq

Depois, todos os artistas mesmo a
elles que na *première* d'esta fu
tiveram simples senões, cor-
ram-se com tal esmero, que
garam apresentar todos per-

Typ: Schettini, Rua da Gloria 107